

Avaliação na Educação de Infância: construindo portefólios de aprendizagem

Cristina Parente

Centro de Investigação em estudos da Criança (CIEC)

Instituto de Educação- Universidade do Minho

Introdução

A avaliação é uma componente essencial do processo educacional. A avaliação na educação de infância deve possuir algumas características que assegurem que os procedimentos efetuados tenham em conta a idade e as características desenvolvimentais das crianças, a articulação e integração do currículo e a visão da criança como uma pessoa com competência que participa ativamente na construção do conhecimento (Mallaguzzi, 1999, Oliveira-Formosinho, 2002). Assim, a avaliação na educação de infância distancia-se da conceção de avaliação tradicional, centrada mais nos resultados do que nos processos, subentendendo um novo olhar sobre o modo de conceber a avaliação. Esta compreensão da avaliação pressupõe a apreciação do percurso de aprendizagem da criança através de procedimentos que tenham em conta a atividade do dia-a-dia do jardim-de-infância (McAfee e Leong, 2006), podendo envolver, entre outros, a observação e escuta sistemática da criança a trabalhar e a jogar, a escuta da criança quando descreve as suas

realizações revelando o seu pensamento, a observação das estratégias que usa para a resolução de problemas, a documentação da aprendizagem da criança através de procedimentos diversos, etc. A variedade de estratégias e procedimentos possíveis para descrever as aprendizagens admite uma descrição rica e compreensiva do que a criança sabe e pode fazer. Deste modo, a descrição obtida revela o percurso de aprendizagem e desenvolvimento realizado pela criança e providencia informação para suportar e fundamentar a organização do ambiente educativo, o desenvolvimento do currículo e os processos de ensino e aprendizagem e, ainda, informação para partilhar e comunicar com os atores do processo educacional – crianças, educadores e pais – promovendo a participação e envolvimento de todos no processo.

É competência do educador de infância não apenas construir e gerir o currículo mas, também, definir e desenvolver um sistema de avaliação compreensivo, coerente com as conceções de educação, com a imagem de criança e de ensino e aprendizagem em que acredita.

Em Portugal tem-se vindo a assistir a uma trajetória de mudança desde o não reconhecimento da relevância da avaliação para a educação de infância (Parente, 2004) até ao reconhecimento da avaliação como uma competência integral do trabalho do educador/professor e como um dispositivo para melhorar a

qualidade e a equidade da educação (Cardona e Guimarães, 2012; OECD, 2012).

Contudo desafios consideráveis continuam a existir no âmbito da avaliação na educação de infância, nomeadamente a necessidade de clarificação do conceito e da perspectiva de avaliação formativa assumida como prioridade e prática efetiva, a explicitação da coerência com os princípios de uma abordagem curricular de cariz construtivista centrada na criança competente que se envolve ativamente na construção de conhecimento e, ainda, a identificação de estratégias e procedimentos consistentes com as opções tomadas pelos educadores.

É com este enquadramento que a formação em contexto se apresentou como uma oportunidade para promover o desenvolvimento profissional da educadora participante no estudo e para a criação de um contexto educativo de mais qualidade para favorecer as aprendizagens das crianças (Oliveira-Formosinho, 2001). No desenvolvimento do processo formativo realizou-se o estudo de caso de uma educadora de infância com o objetivo, como refere Bassey, 1999, de levar a cabo um estudo aprofundado de uma singularidade, conduzido no contexto natural, e entendido como uma estratégia privilegiada para desenvolver uma compreensão capaz de engrandecer as práticas e também de iluminar as decisões políticas educacionais.

Um percurso de aprendizagem em torno da construção de portfólios em contexto pré-escolar: a jornada de aprendizagem da Joana

Neste enquadramento, apresenta-se a jornada de aprendizagem da Joana que, no âmbito do processo de formação em contexto, procura (re) construir as suas práticas de avaliação através da realização de portfólios das crianças. A descrição desta jornada de aprendizagem procura revelar o percurso realizado pela educadora ao nível da avaliação e da utilização do portfólio para concretizar a avaliação.

A Joana é uma profissional com 15 anos de serviço, inquieta e que procura construir novas aprendizagens profissionais para providenciar mais e melhores oportunidades de aprendizagem às crianças. Revela um grande entusiasmo quando fala do seu trabalho e encanta-se com a competência e com as realizações das crianças.

O ponto de partida. A participação numa ação de formação no âmbito da avaliação representa o início deste percurso:

Esta ação de formação veio a constituir-se como o ponto de partida para um interesse mais aprofundado e refletido pelas questões da avaliação na educação pré-escolar, assunto quase ausente da formação inicial, da formação contínua e até então com reduzida visibilidade na minha prática pedagógica. Acho que na prática de todos os educadores.

A Joana integra um pequeno grupo de educadoras que quer continuar a formação neste domínio, agora num processo de formação em contexto.

Desenvolvendo uma nova compreensão de avaliação. A Joana começa por identificar algumas questões como: o surgimento de novas conceções de avaliação marcadas pelos pressupostos de avaliação alternativa (Gullo, 1994), as perspetivas atuais sobre como a criança aprende, uma nova compreensão do papel da criança na construção do conhecimento, o advento dos direitos da criança, as questões da diversidade, o direito da criança competente a participar no seu processo de aprendizagem e compreende a necessidade de procurar (re) construir e fundamentar os conhecimentos em torno da avaliação na educação de infância. O trabalho de discussão e análise de alguns textos favorece a compreensão das mudanças ocorridas desde uma perspetiva da avaliação tradicional para uma perspetiva de avaliação alternativa. A leitura e análise de outros textos, no âmbito da avaliação e dos portefólios, permite à Joana continuar o seu percurso, agora, procurando explicitar características específicas da avaliação na educação de infância entendendo a avaliação como o processo de observar, escutar e documentar o que a criança sabe e compreende, as competências que possui, como pensa e aprende com o objetivo de obter uma imagem rica e compreensiva do que a criança sabe e é capaz de fazer, assim

como, dos seus interesses. (McAfee e Leong, 2006). Os portefólios de aprendizagem apresentam-se como uma estratégia de avaliação capaz de responder aos novos desafios antes identificados, consistente com uma pedagogia de cariz construtivistas na qual a criança tem um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento e avaliação.

O portefólio está em consonância com alguns, muitos dos princípios da avaliação na educação de infância porque permite ter uma visão holística da aprendizagem da criança, permite ver o carácter contínuo, sistemático e interpretativo do processo de avaliação, a valorização da participação das crianças no seu processo educativo, a recolha de informação contextualizada e em tarefas reais e, ainda, a diversidade, o cruzamento e a complementaridade das informações sobre cada criança.

Descobrimo a centralidade da observação e escuta da criança. A avaliação na educação de infância é suportada na observação continuada das crianças, nas diversas atividades do dia-a-dia, com recurso a diversas formas formais e informais de registar o que a criança faz e diz e como faz e diz e focalizada quer na criança quer no contexto. A Joana (re) descobre a centralidade da observação e escuta contextualizada da criança no espaço e no tempo próprio da ação da criança e da educadora. A utilização de alguns formatos de observação direta para registar e documentar as aprendizagens das crianças, nomeadamente o registo de incidentes críticos, o registo contínuo, o registo de frequência e a amostragem de acontecimentos são formatos de

observação utilizados e analisados pela Joana ao nível dos seus contributos para o processo de avaliação e para a realização dos portefólios.

Trata-se de formatos que permitem recolher elementos que podem ser analisados e ajudam a educadora a compreender o processo implementado e a conhecer os seus efeitos nas aprendizagens e desenvolvimento da criança.

As novas aprendizagens e competências práticas entusiasmaram a Joana que retoma os referenciais teóricos sobre as questões da observação e escuta da criança, bem como, sobre os formatos de observação direta e sobre eles constrói uma nova compreensão. Desenha e explicita alguns objetivos concretos de observação e identifica formatos e estratégias mais adequados; analisa as vantagens e limitações e depois implementa no contexto da sua sala.

Observar, escutar, interpretar, documentar: do receio ao entusiasmo. A educadora está muito animada com a possibilidade de poder observar situações e/ou crianças específicas que lhe vão permitir obter informações que considera relevantes. Contudo, está pouco segura relativamente ao trabalho que realizou ao nível da preparação da observação, acha que tem mais ou menos claros os objetivos de observação, identificou procedimentos específicos mas, ainda tem muitos receios e dúvidas.

Sabe, no início tinha muitas dúvidas. Os hábitos e rotinas de prática pedagógica construída ao longo dos anos tendem a cristalizar num modo de

fazer pedagógico que se vai consolidando no dia-a-dia. Além do mais a mudança acarreta riscos, dá trabalho, gera insegurança e receios que podem contribuir para desmobilizar a adesão a processos de transformação das práticas. Na verdade, às vezes, penso que estou a pôr em causa as minhas práticas (e já são alguns anos) mas o desafio de integrar os novos saberes com a experiência profissional, questionando as práticas atuais para melhorar a qualidade das práticas pedagógicas proporcionadas às crianças, venceu as resistências naturais à mudança.

A Joana aprecia de forma muito positiva e como muito uteis as informações que conseguiu obter com recurso aos diversos formatos de observação. Afirma que agora já tem “alguma coisa a que se agarrar” porque anteriormente usava as grelhas de observação que circulavam entre as colegas, mesmo não conhecendo as suas finalidades e objetivos. Tendo em conta a relevância que a educadora atribui à observação e escuta da criança decide repensar a sua rotina educativa para incorporar momentos para realizar estes procedimentos de observação e escuta da criança.

Olhe tive de repensar os meus hábitos e rotinas que eram muito mais “cómodos” para mim, mas tinha mesmo de ser. Procurei fomentar parcerias com os adultos disponíveis na sala, nomeadamente com estagiária e a auxiliar que ficavam, em momentos pontuais, mais atentas ao grupo todo com o objetivo de conseguir criar oportunidades de observação mais frequentes. Procurei recorrer a outras fontes de registo como a fotografia, a que acrescentava um comentário, gravações áudio, post-it no bolso para escrever pequenas frases. Ainda procurei encontrar momentos regulares de procedimentos de avaliação através da inclusão de um novo momento na

rotina – momento de arrumação dos trabalhos e produções da criança (diário, semanal e mensal) - era um momento para que crianças e educadora pudessem olhar de novo para as suas realizações e guardá-las, por vezes, com algum comentário registado.

Crianças e educadora apreciam este novo tempo da rotina mesmo que não seja sempre realizado. Olhar de novo para as suas produções, conversar sobre o processo de realização, ajuda crianças e educadoras a conhecer melhor o trabalho realizado e as aprendizagens construídas.

O portefólio de aprendizagem. A Joana descobre o portefólio como uma possibilidade prática para reunir e organizar a diversidade de informações obtida através de várias formas, fontes, contextos, etc., numa coleção que conta a história dos esforços e dos progressos realizados pela criança. O portefólio apresenta-se como uma estratégia de avaliação capaz de reunir e organizar informação diversa que torna possível apreciar o percurso de aprendizagem das crianças através de registos de observação sistematicamente recolhidos, da seleção de evidências e das realizações que documentam os progressos nas aprendizagens e das reflexões sobre as mesmas, obtendo deste modo, uma descrição rica e compreensiva do percurso de aprendizagem da criança. (Mac Donald, 1997).

A decisão de construir portefólios com as crianças direciona a atenção da educadora para os processos de realização dos mesmos e descobre que realizar o portefólio pressupõe uma fase de

preparação e uma fase de realização (Parente, 2004). Compreender as dimensões da fase de preparação e tomar decisões consistentes são condições essenciais para garantir o sucesso do processo. A educadora compreende que tem de desenvolver um sistema e uma estrutura concetual e física para o portefólio, estabelecer os conteúdos do portefólio e como irão ser organizados, acordar quais os procedimentos a usar para observar, registar e documentar o trabalho que a criança realiza e como realiza, decidir como ativar o processo de participação da criança, e, ainda, estabelecer como, quando e quem seleciona e integra conteúdos no portefólio. Todas estas decisões têm de ser concetualizadas tendo por base que o portefólio é das crianças e pressupõe a sua participação em todo o processo (Parente, 2004; Shaklee, Barbour, Ambrose e Hansford, 1997; Welter, 1998)

Para criar a estrutura do portefólio fiz separadores tendo em conta as áreas de conteúdo das OCEPE e fiz um separador para a área do desenvolvimento pessoal e social, um para a área da expressão e comunicação e mini-separadores para os domínios das expressões (motora, plástica, musical, dramática), um separador para linguagem oral e abordagem à escrita, outro para a matemática e outro, ainda, para a colaboração dos pais.

Criada a estrutura física e concetual inicia-se o processo de realização do portefólio.

Tudo começou com a proposta dos portefólios às crianças. Eu sabia que o primeiro passo era conseguir captar o interesse das crianças para que elas participassem no processo de construção do seu portefólio. Para isso elas precisavam de compreender o que era e para que servia “aquela palavra nova

e difícil”. Para isso deixei que os trabalhos e produções das crianças se acumulassem até que as crianças identificassem a necessidade de as arrumar e organizar num qualquer sítio. A partir daí propus a introdução do portefólio, como um local especial onde podiam organizar e arrumar os seus trabalhos. Conversei com eles sobre como o conjunto dos seus trabalhos mostra como estão a crescer, mostra o que já sabem fazer, como aprenderam, o que gostaram mais e também as dificuldades que sentiram. Sugeri que este local especial – o portefólio- fosse uma capa de argolas A4 e na lombada estava colocada uma foto da criança a cores e a identificação da criança. Comecei a trabalhar com eles a ideia de que tinham de seleccionar os trabalhos que punham no portefólio. Era difícil para eles, muito difícil. Quase todos os trabalhos eram considerados muito importantes e eles tinham sempre argumentos. Mas depressa as crianças foram confrontadas com o facto de não caberem todos os trabalhos e, por essa razão, eles tinham mesmo de seleccionar aqueles que queriam incluir no portefólio e pensar num outro local para os restantes surgindo- a capa dos trabalhos- para onde iam todas as produções realizadas. Assim quando queriam integrar o trabalho no seu portefólio deveriam colocar o trabalho no tabuleiro de arquivo de ficheiros suspensos; quando queriam integrar na capa dos trabalhos, deveriam pôr no tabuleiro dos trabalhos terminados.

A compreensão deste conjunto de procedimentos pelas crianças é central no processo de construção dos portefólios.

Este processo promoveu a autonomia, a independência pessoal e o sentido de responsabilidade das crianças e, muito importante também, agilizava o processo de selecção dos trabalhos a incluir no portefólio.

O processo de seleção das evidências para integrar no portfólio. A Joana entende, ainda, que a seleção dos conteúdos do portfólio deve ser uma tarefa partilhada. A participação ativa das crianças na seleção dos conteúdos, na reflexão e integração no portfólio é central para o processo de avaliação. A educadora desempenha um importante papel durante a seleção das evidências quer escutando as razões da criança quer encorajando as crianças a refletir através de algumas questões que pode colocar. O processo sistemático de colecionar, selecionar e refletir sobre as evidências e realizações é o que torna o portfólio uma estratégia de avaliação significativa porque se apresenta como uma oportunidade para aprender mais sobre o processo de aprendizagem.

Nos momentos de escolha dos trabalhos para pôr no portfólio as crianças diziam as razões porque queriam pôr no portfólio. Eu escrevia as razões da sua escolha num post-it que era colocado na parte de trás do trabalho. Eu também poderia fazer algumas sugestões mas tinha de partilhar as razões dessa escolha com a criança e obter o seu acordo.

O processo de seleção dos conteúdos é uma tarefa partilhada e a educadora e as crianças partilham o portfólio com os pais.

No início do 2º período o portfólio vai a casa das crianças, para que possa ser visto e partilhado em contexto familiar, acompanhado de um pequeno questionário aos pais destinados a registar a sua apreciação ao portfólio, bem como, sugestões, opiniões, comentários e críticas para uma efetiva

colaboração na sua construção. Mas antes do portefólio ir a casa as crianças veem e falam sobre o seu portefólio em pequenos grupos.

Partilhar os portefólios com as famílias favorece a comunicação entre a família e a escola. Todos os pais responderam ao questionário e fizeram apreciações muito positivas. Alguns pais (poucos) foram mandando evidências para incluir nos portefólios dos filhos.

No contexto desta jornada de aprendizagem a Joana identifica e experiencia potencialidades do portefólio e dificuldades na sua realização.

As potencialidades do portefólio. A Joana experiencia que, no fim do processo, os conteúdos de um portefólio documentam e evidenciam as experiências de aprendizagem, competências e realizações da criança, as quais revelam o desenvolvimento e a aprendizagem da criança ao longo do tempo.

Nos momentos de observação e partilha as crianças fazem comentários acerca da sua própria evolução notando a diferença entre como era antes e como é agora. “Olha, olha diz o Pedro. Já viste aqui que eu mal eu escrevia o meu nome? Agora já sou capaz de fazer em letra manuscrita”. Ou a Mariana que diz para a Rita: “Olha, vê aqui como eu fazia os meninos! Agora vê aqui. Vês já sei desenhar muito melhor, não achas?”

A construção dos portefólios envolve a participação ativa da criança na apreciação e reflexão sobre o seu trabalho o que constitui uma oportunidade para participar ativamente no seu

processo de aprendizagem e de avaliação e, ainda, promove competências de autoavaliação.

A Joana experiencia que os portefólios facilitam a partilha de informação, favorecendo a colaboração com as famílias. O portefólio providencia informação útil e precisa sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de cada criança, através de evidências concretas das competências e realizações da criança, o que contribui para favorecer a comunicação entre a escola e as famílias. Os pais podem ainda participar ativamente enviando evidências para o portefólio dos filhos.

O portefólio revela-se, assim, como uma estratégia propiciadora de oportunidades de colaboração dos pais, de desenvolvimento de um maior conhecimento da criança e da família pelo educador e um maior conhecimento, por parte da família, do trabalho levado a cabo no contexto do jardim-de-infância.

Uma das preocupações sentidas desde o início da construção dos portefólios prende-se com a necessidade de dar a conhecer o modo de fazer pedagógico e o processo educativo de que a criança fez e/ou faz parte. Assim o portefólio para além de espelhar a evolução da criança, permite a quem o observa e analisa uma compreensão mais abrangente e contextualizada daquilo que se observa, de modo a que se possa fazer sentido também aos olhos daqueles que não estão diretamente envolvidos (pais e familiares. Outros educadores, professores do 1º ciclo) podendo perceber melhor, analisar e atribuir sentido aquilo que vê.

Dificuldades no processo de construção do portefólio. No contexto desta jornada de aprendizagem a Joana refere uma dificuldade que se prende com o tempo necessário não apenas para conceber, montar e organizar o portefólio como também para, de forma continuada, refinar o processo de realização do portefólio.

Tudo isto demora `muito, muito tempo. São muitas horas a pensar como fazer e depois a fazer. Depois chega ao fim e de ano para ano o portefólio é revisto, repensado, reformulado pela educadora tendo em conta os contributos das crianças e dos pais que são chamados a dar a sua opinião e contributos. Os constantes questionamentos, as pesquisas e leituras e os contributos de colegas que implementam práticas de avaliação semelhantes e realizam o portefólio também têm contribuído para o enriquecimento do mesmo e para o meu crescimento profissional.

Refletindo a jornada de aprendizagem da Joana

A jornada de aprendizagem da Joana mostra que a formação em contexto se constituiu numa oportunidade para um percurso de mudança ao nível das conceções e das práticas de avaliação.

Ao mesmo tempo, a apreciação da jornada de aprendizagem da Joana revela que o portefólio é uma estratégia de avaliação alternativa adequada para a educação de infância. O portefólio permite obter e organizar evidências para tornar visíveis as aprendizagens das crianças.

Também mostra que o portefólio é uma estratégia de avaliação suportada numa perspectiva de avaliação formativa, ou seja, a avaliação é levada a cabo para favorecer a aprendizagem da criança e do grupo. A informação obtida através de procedimentos de avaliação contínua suporta as decisões da educadora ao nível do currículo e das estratégias de ensino e aprendizagem.

Ainda, mostra que o processo de construção do portefólio providencia oportunidades às crianças e, por vezes os pais, de participarem ativamente no processo de aprendizagem e avaliação, favorecendo nas crianças o desenvolvimento de processos metacognitivos quando refletem sobre os seus trabalhos e sobre as mudanças ao nível das aprendizagens construídas.

A partilha da experiência e dos portefólios das crianças da sala da Joana, com outros docentes, proporcionou uma reflexão mais alargada sobre a avaliação na educação de infância. No âmbito desta reflexão a Joana demonstrou que avaliar não é medir, classificar e rotular. A avaliação destina-se a obter informações sobre as aprendizagens das crianças e não a situar as suas realizações num qualquer ponto de uma escala, arbitrariamente estabelecida.

Ao adotar o portefólio como estratégia de avaliação a Joana inscreve as suas práticas numa perspectiva de avaliação alternativa que procura tornar visíveis as aprendizagens das crianças através de procedimentos descritivos e narrativos. Estes procedimentos tornam possível uma descrição compreensiva dos modos como a criança age, pensa e aprende, recorrendo a diversos meios que são, simultaneamente, sensíveis e capazes de ter em conta a diversidade das crianças, de tomar em consideração os seus direitos, nomeadamente, o de participar no processo de aprendizagem e de avaliação e, ainda, contribuir para suportar e alargar a aprendizagem e o desenvolvimento futuros.

Referências

Bassey, Michael (1999). *Case study research in educational settings*. Buckingham: Open University Press.

Carr, Margaret (2001). *Assessment in early childhood settings: Learning stories*. London: Paul Chapman Publishing.

Carr, Margaret, e Lee, Wendy. (2012). *Learning Stories. Constructing Learner Identities in Early Education*. London: Sage.

Cardona, Maria João e Guimarães, Célia Maria (coord). (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.

Gullo, Dominic (1994). *Understanding assessment and evaluation in early childhood education*. New York: Teachers College Press.

Hargreaves, Eleanore (2007). The validity of collaborative assessment for learning. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 14 (2), 185-199.

Johnson, Ruth; Mims-Cox; J. Sabrina & Doyle- Nichols, Adelaide (2010). *Developing Portfolios in Education. A Guide to Reflection, Inquiry, and Assessment*. Los Angeles: Sage.

Malaguzzi, Loris (1999). História, ideias e filosofia básica. In C. Edwards, L.Gandini e Forman (Eds.), *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artemed.

McAfee, Oralie & Leong, Deborah, J. (2006). *Assessing and guiding young children's development and learning*. Denver: Pearsons Education.

MacDonald, S. (1997). *The portfolio and its use: A road map for assessment*. Little Rock: Southern Early Childhood Association.

OECD (2012). *Reviews of evaluation and assessment in education: Portugal 2012*. OECD, Paris.

Oliveira-Formosinho, Júlia (2002). A avaliação alternativa na educação de infância. In J. Oliveira-Formosino (org.), *A supervisão na formação de professores I. Da sala à escola* (pp.144-165). Porto: Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, Júlia (2001).A visão da qualidade da Associação Criança: Contributos para uma definição. In J. Oliveira-Formosinho e J. Formosinho, (orgs.) *Associação Criança: Um contexto de formação em contexto* (pp.14-23).Braga: Livraria Minho.

Oliveira- Formosinho, Júlia e Parente, Cristina (2005). Para uma Pedagogia da Infância ao Serviço da Equidade. O Portfólio como visão alternativa da avaliação. *Infância e Educação. Investigação e Práticas*, 22-46.

Parente, C. (2004). *A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: Sete jornadas de aprendizagem*. Dissertação de doutoramento. Universidade do Minho: Braga.

Parente, Cristina (2009). Um processo de reconstrução da avaliação na Educação Pré-escolar. In S. Pillotto e P. Alves (Eds.), *Avaliação na educação: Tendências e debates*. Joinville: Editora UNIVILLE.

Parente, Cristina (2012). Portefólio: Uma estratégia de avaliação para a educação de infância. In Cardona, M^a. J.; Guimarães, C.

M^a. (Coord.), *Avaliação na Educação de Infância* (pp.305-319).
Viseu: Editora Psicosoma

Parente, Cristina (2014). Avaliação na Educação de Infância:
Itinerários de uma viagem de educadores de infância na
formação inicial. *Interações*, 31 (10), 168-182. [ISSN: 1646-
2335]

Shaklee, B., Barbour, N., Ambrose, R., e Hansford, S. (1997).
Designing and using portfolios. Boston: Allyn and Bacon.

Tierney, R. (2006). Changing practices: influences on classroom
assessment. *Assesment in Education: Principles, Policy &
Practice*, 13 (3), 239-264.

Welter, L. (1998). *Teachers preparing and using portfolios with
theirs students: A narrative case study*. Ann Arbor: UMI.